

“QUANDO O EXTRAORDINÁRIO ESTÁ NAS RUAS, É A REVOLUÇÃO”

Sergio Gardenghi Suiama

Foi em 2000, num ensolarado domingo de inverno, que vi o inesperado acontecer na Paulista. De repente, a cidade respondeu à interpelação daqueles militantes que, desde 97, insistiam em afirmar publicamente o humano direito de não ser discriminado por causa de seu desejo. E cem mil pessoas ocuparam democraticamente a avenida para celebrar a vida, a liberdade e a igualdade.

A bem da verdade, a resposta demorou a vir. Quatro meses antes, Edson Nérís da Silva, 35 anos, havia sido espancado até à morte por uma quadrilha de nazistas, para quem a simples visão de dois homens caminhando de mãos dadas era insuportável. E como Nérís, tantos outros brasileiros que sofrem violência e humilhações...

Mas a resposta veio. E perturbou a caretice dos escritórios e a mesmice do “domingão” na frente da TV. Os apressados executivos foram temporariamente substituídos por uma interessante fauna que incluía ursos, *punks*, vistosas travestis, *barbies*, *go-go boys*, motoqueiras e velhinhas curiosas. E também por milhares de homens e mulheres que estavam lá para festejar a liberdade de abraçar, de beijar, de andar na rua sem medo, de amar.

Nos anos seguintes testemunhei, com orgulho, a Parada se transformar no maior ato político-carnavalesco do mundo. Alguns dizem que a forma festiva ofusca o caráter político da manifestação. Não concordo. Como disse o antropólogo Roberto DaMatta, “se o carnaval estivesse centrado na fala discursiva e no andar – e não no canto e na dança -, seria um rito da ordem, uma cerimônia do reforço e das estruturas”. Mudar a política é também mudar a forma de se fazer política. A alegre subversão do heterossexismo vigente e a abertura do corpo ao desejo - patrocinadas pela Parada - integram inseparavelmente a luta pelo reconhecimento do direito fundamental à diversidade sexual. Ou será que o sucesso que nossas amigas travestis fazem na avenida-símbolo da cidade não tem nenhum significado político?

A propósito, a imagem que para mim melhor sintetiza o espírito da Parada foi registrada pelo fotógrafo e amigo Alexandre Perroca,

naquele mesmo ano 2000. Era uma *drag* negra – acho que Márcia Pantera – trepada em um poste da avenida Consolação, desafiando feliz a placa com o sinal de proibido.

Para quem nunca foi, fica o convite para participar de uma manifestação cívica, festiva, pacífica, plural, na qual cabem não só gays, lésbicas, bissexuais, travestis e transexuais, mas também todos aqueles verdadeiramente comprometidos com os valores democráticos. No final, ao chegar à Praça da República, o visitante talvez se indague por que alguns ainda insistem em encaixar as infinitas manifestações do desejo e do pensamento em fórmulas tanto arbitrárias quanto vazias. Quem sabe até se não encontra um(a) parceiro(a) para viver a diversidade na prática?! Pois é... a primeira Parada a gente nunca esquece.